

Trabalhos do Instituto Oswaldo Cruz

Contribuição para o conhecimento dos escorpiões brasileiros:

Por

Adolpho Lutz e Oswaldo de Mello
(Do Inst. Oswaldo Cruz) (Da Filial de Belle Horizonte)

- 1 — Descrição de uma espécie nova.
- 2 — Relação das espécies de *Rhopalurus* THOR. que ocorrem no Brasil.
- 3 — Chave de classificação.

I

Rhopalurus melleipalpus, n. sp.

Tronco, em geral, pardo-oliváceo, com um triângulo ennegrecido no cephalothorax, tendo por centro os olhos. Margem anterior do cephalothorax mais avermelhada, com uma lista preta de cada lado, formada pelos ocellos. Palpos maxillares, côr de mel clara, com pontos articulares ferruginosos. Vesícula caudal da côr da mão, o espinho caudal avermelhado na metade apical. Os tergites abdominaes com cintas basaes pretas, interrompidas no meio. O 1.º segmento caudal é pardo-oliváceo (da mesma côr que o ultimo tergite abdominal), o 2.º e o 3.º pardo-ocráceos claros, o 4.º e o 5.º pardo-oliváceos, mais escuros.

As cristas caudales da face ventral ennegrecidas nos segmentos II-IV. Os esternites abdominaes I-IV são claros, de superfície brilhante nos 2/3 apicaes. O ultimo esternite é pardo-oliváceo.

Cephalothorax geralmente granuloso, com granulos maiores dispostos em cristas. O triângulo ennegrecido é finamente granuloso perto dos olhos, o tamanho dos granulos cresce para a sua periphéria. Tergites abdominaes com crista em direcção mediana quasi denteada, distincta em toda a extensão dos tergites, com excepção do ultimo, onde ella é apenas basal. Para fóra da crista mediana, ha indicação de uma crista constituída por aldicação dos granulos em serie longitudinal. Suguns granulos e cristas irregularmente granulosas. O ultimo tergite com as cristas habituaes; as superficies granulosas.

Cauda robusta, não alargada em direcção apical, os segmentos caudales gradativamente crescentes. Cristas caudales granuladas, quasi denticuladas, os segmentos I-II com 10 cristas. Crista lateral accessoria bem accentuada nos segmentos I-II, mais fraca no 3.º, quasi apagada no 4.º. Cristas dorsaes do 5.º quasi obsoletas. Sulco dorsal granuloso, os granulos tornando-se mais esparcos nos ultimos segmentos. Espaços entre as cristas geralmente granuladas.

Vesícula pequena, piriforme, achatada na face dorsal. Espinho fino, recurvo, o denticulo agudo, mas muito reduzido. Vesícula com granulos finos, espaçados, cristas pouco visiveis e pêlos disseminados na face posterior.

1.º esternite abdominal com elevação triangular mediana, as escavações lateraes finamente pontuadas. Esternites I-IV, nos 2/3 apicaes, de superfície brilhante.

Femur dos palpos maxillares com cristas granuladas; existe uma crista irregular, formada de denticulos maiores, na sua face anterior. Tibia com cristas granuladas e uma crista irregular, iniciada por dente maior, na face anterior. Carpo achatado externamente, convexo internamente, mais fino do que a tibia, com cristas distinctas, mas pouco salientes. Dedo movel quasi duplo do carpo, ligei-

ramente lobado, com chanfradura correspondente no dedo immovel e 7 series principaes de granulações. Pêlos numerosos de varios tamanhos, em todo o palpo maxillar.

Pentes alargados na base, a lamina mediana basal não dilatada em forma de vesícula. Dentes pectineos 25.

Dimensões em mm.: comprimento do cephalothorax 6, do tronco 17, da cauda 31, do 1.º segmento caudal 4,5, do 5.º 7,5; largura do 1.º segmento caudal 4,2, do 4.º 4,2; comprimento do carpo 4, do dedo movel, 7,2, largura do carpo 2, da tibia 2,2.

Procedencia: Assaré (Ceará).

1 exemplar (♀) da collecção da filial de B. Horizonte.

II

1. *Rhopalurus agamemnon* (C. L. Koch, 1859).

Syn.: *Androctonus agamemnon* C. L. Koch, 1859 in *Arach.*, v. 6, p. 105, f. 506.

Heteroctenus agamemnon Pocock, 1893, *J. Lin. Soc.* v. 24, p. 393.

Centrurus agamemnon Kraepelin, 1899, *Das Tierr.* Lfg. 8, p. 94.

Rhopalurus agamemnon Pocock, 1902, *Biol. Centr.-Amer.* 37.

Distrib. geog.: Norte do Brazil?

2. *Rhopalurus debilis* (Koch, 1841) Borelli, 1910.

Sin.: *Vaejovis debilis* C. L. Koch, 1841, *Arach.*, v. 8, p. 21, f. 605.

Vaejovis debilis Kraepelin, 1899, *Das Tierr.*, Lfg. 8, p. 96.

Rhopalurus debilis Borelli, 1910, *Bol. Mus. Tor.*, v. 25, n. 629.

Distrib. geog.: Ceará.

3. *Rhopalurus stenochirus* (Penther, 1913) Lutz-Mello, 1922.

Syn.: *Centrurus stenochirus* Penther, 1913, in *Ann. d. K. K. Nat. hist. Mon.*, p. 240.

Distrib. geog.: Bahia.

4. *Rhopalurus melleipalpus* (Lutz-Mello, 1922).

Distrib. geog.: Assaré (Ceará).

5. *Rhopalurus barythenar* (Penther, 1913) Lutz-Mello, 1922.

Syn.: *Centrurus barythenar* Penther, 1913, op. cit., p. 242.

Distrib. geog.:

6. *Rhopalurus rochai* Borelli, 1910.

Syn.: *Rhopalurus rochai* Borelli, 1910, in *Boll. Mus. Tor.*, n. 629, v. 25.

Distrib. geog.: Ceará, Joazeiro, Rio Grande do Norte.

7. *Rhopalurus acromelas* Lutz-Mello, 1922.

Syn.: *Rhopalurus acromelas* Lutz-Mello, 1922, *F. Med.*, n. 4, de 1922.

Distrib. geog.: Therezina (Piauhy), Patú (Rio Grande do Norte).

8. *Rhopalurus borellii* Pocock, 1902.

Syn.: *Heteroctenus agamemnon* Pocock, 1893, in *J. Lin. Soc. Z.*, t. 24, p. 393.

Rhopalurus borellii Pocock, 1902, *Ann. Nat. Hist.*, s. 7, v. 1, p. 377.

Rhopalurus borellii Pocock, 1902, *Biol. Centr. Amer.*, p. 37.

9. *Rhopalurus laticauda* Thorell, 1876.

Syn.: *Rhopalurus laticauda* Thorell, 1876, in *Ann. Nat. Hist.*, s. 4, v. 17, p. 9.

R. l. Thorell, 1877, *Atti Soc. Ital.*, v. 19, p. 143.

R. l. Sachsii, Karsch, 1879, *Mit. Mün. ent. Ver.*, v. 3, p. 118.

Centrurus laticauda Kraepelin, 1891, *Mit. Mus. Hamb.*, v. 8, p. 137.

Centrurus laticauda Kraepelin, 1899, *Das Tierr.*, Lfg. 8, p. 95.

Rhopalurus laticauda Pocock, 1902, *Biol. Centr. Amer.*, p. 37.

Distrib. geog.: Piauhy.

III

Chave para a identificação das espécies brasileiras do genero *Rhopalurus*

- 2.º e 3.º segmentos caudales com 8 cristas *R. agamemnon* (Koch)
1. 2.º e muitas vezes o 3.º segmento caudal com 10 cristas 2
 - Denticulo sub-aculear em forma de espinho 7
 2. Denticulo sub-aculear reduzido a um granulo rhombo ou ponteagudo 3
 - Largura do carpo, no maximo, igual á da tibia 4
 3. Carpo mais grosso do que a tibia em ambos os sexos 6
 - Dentes pectineos 23-26. Palpos max. uniformemente amarelos. Segmentos caudales I-II geralmente da mesma largura 5
 4. Dentes pectineos 15-16. Mão manchada de preto na face externa. Cauda alargada posteriormente
 - R. debilis*
 - Cephalothorax de côr uniforme. Cauda de côr uniforme amarello de barro, apenas as cristas ventrolateraes e medianas ennegrecidas. Cauda relativamente mais curta; seu comprimento egual, no maximo, 4 vezes o do cephalothorax. *R. stenochirus*
 5. Cephalothorax com um triângulo escuro central, envolvendo os olhos. Ocellos pretos. Cauda de côr variada: o 1.º segmento oliváceo, o 2.º e 3.º ocráceos e os 2 ultimos pardo-avermelhados. Comprimento da cauda relativamente maior, mais de 5 vezes o do cephalothorax. *R. melleipalpus*
 - Cauda, no ♂, de 4 1/2 a 5 vezes o comprimento do cephalothorax, na femea de 4,2 a 4,7. A relação do comprimento do tronco para o da cauda é 2/3 no ♂ e 3/4 na ♀. Côr geral amarela de barro, a mão e a face ventral dos ultimos segmentos caudales mais avermelhados
 - R. barythenar*
 - Cauda maior, no ♂, cerca de 6 vezes, e na ♀ 5,5 mais longa do que o cephalothorax. A relação do comprimento do tronco para o da cauda é de 1/2 no ♂ e 2/3 na ♀. A côr do tronco é amarello-escuro
 - R. rochai*
 - Mão mais fina do que a tibia dos p. mx. em ambos os sexos. A cauda se alarga pouco em direcção apical. A mão, no ♂, tem a côr escura dos 2 ultimos segmentos caudales, na ♀ é um pouco mais clara
 - R. acromelas*
 - A cauda se alarga bastante para traz. Mão mais clara do que os 2 ultimos segmentos caudales 8
 - Pentes pouco alargados na base. A elevação triangular do 1.º esternite abdominal termina em um ponto rhombo, justamente no bordo anterior do esternite. ♀ com pequeno lóbo na base do dedo movel
 - R. borellii*
 - Pentes pouco alargados na base. A elevação triangular do 1.º esternite abdominal termina em um angulo agudo. ♀ sem lóbo na base do dedo movel *R. laticauda*.